

**O PENSAMENTO DO FAZER ARQUITETÔNICO DO MODERNO AO
CONTEMPORÂNEO:
Relações entre o lugar e o modo de produzir arquitetura na
Amazônia.**

KUWAHARA, LETICIA M.

Universidade Federal do Amapá. Curso de Arquitetura e Urbanismo.
Campus Marco Zero – Rod. Juscelino Kubitschek, Km-02
Jardim Marco Zero, Macapá-AP, CEP 68903-419
E-mail: leticiakuwahara25@hotmail.com

RESUMO

A pesquisa tem o propósito de fazer uma sinopse do que se tem discutido e produzido a respeito da arquitetura contemporânea na Amazônia, passando pelas correntes e teorias pós-modernas, como o Regionalismo Crítico, aspirações plásticas, técnicas e materiais construtivos circundando os locais de implantação, trazendo arquitetos e obras que trabalham com essa linha de pensamento. Além disso, destacar as contribuições, referências e traços do legado do Movimento Moderno nas práticas projetuais contemporâneas, que agregam a base do repertório formal e técnico que se tem hoje em dia. Portanto, o presente artigo vem trazer reflexões ensaísticas da arquitetura contemporânea na Amazônia, buscando exemplares regionais, em uma cronologia de análise de obras nos Estados do Pará, Tocantins e Amazonas, extraindo os traços de regionalidade, abordagem das relações teóricas e o desenvolvimento no uso da tecnologia dos materiais construtivos nas práticas projetuais.

Palavras-chave: Arquitetura Contemporânea; Arquitetura Amazônica; Regionalismo Crítico.

Circunstâncias teórico-conceituais à crítica

A ruptura com a arquitetura moderna pode ser entendida como um fator de mudanças de paradigmas e reconfiguração dos instrumentos para a adaptação ao contexto, e tudo parte de discussões teóricas e abordagens conceituais, que a partir de meados dos anos 60 passa para as representações materiais. O momento pós-moderno inicia para ir de encontro ao que estava vigente, devido à austeridade com que se tratavam as questões envolvendo diversos outros aspectos da vida humana através dos ideais modernistas como o ponto médio das discussões.

A teoria e crítica tendem para a ascensão de novas formas de pensamento e a adoção desses novos rumos, e com isso a partir da década de 30 começa a procura por mais expressividade, em que se voltou a idealizar outras intenções plásticas para além do tão somente racional. Então, tem-se o surgimento das vanguardas que buscavam uma identidade e/ou trazer o valor simbólico do elemento, o que descaracteriza a essência moderna universal.

Os questionamentos contextuais testemunham o tangível fim da modernidade, que para Montaner (2012), apresenta dois modos de interpretação, o conceitual e o físico e, portanto, declara a superação histórica da época, e tem-se a inversão também da materialidade. Por requisições universais de utilização de novos meios, como o mecanismo abstrato, a responsabilidade ambiental ao agregar a condição sustentável, o cenário como orientação e repertório de arquitetura e a reciclagem, emergem o seguimento de diversas linhas de contribuições de ideia, que são apontados por Montaner (2012) como justificativa central para as mudanças.

A partir de então, as ideias voltam-se para o desenvolvimento da intenção plástica aliada à ideia de lugar, colocado como exemplo de Montaner, o arquiteto Lúcio Costa, o qual apreciava a arquitetura colonial e afirmava a necessidade de percepção da simplicidade, adaptação ao meio e a função, afirma o autor. Dessa forma, “Lúcio Costa teve como objetivo legitimar uma arquitetura moderna no contexto brasileiro” (Montaner, 2012. P. 80).

E é a partir do surgimento dessas vanguardas, que alguns arquitetos de relevância para o Modernismo, começam a empregar as expressões populares, e as arquiteturas tradicionais para os detalhes técnicos de suas obras. Exemplos bem influentes são Le Corbusier e Lucio Costa, que segundo Montaner (2012), a busca por essas referências se davam pela incapacidade da tecnologia moderna em atingir o “senso comum”.

Como desenvolvimento dessa crítica, a importância das condições paisagísticas do lugar para adequar uma obra ao entorno de implantação, além do uso de técnicas construtivas, matérias e aspectos formais são acrescidos ao repertório e apresentam-se em obras da época. Assim, a preservação da identidade local e adequação ao clima tornam-se pauta das questões projetuais, e ainda preservando o racionalismo e funcionalismo do caráter moderno.

A compreensão de lugar, se baseia em preceitos filosóficos, naturais, a matéria genuína, que traz valores de forma empírica para a cientificidade. Tendo em vista os valores clássicos adotados pelo Movimento Moderno, de ideário formal, racional e concepções de espaço, a ideia de lugar enquanto pensamento arquitetônico, entra em discussão teórica. Quando aprofunda-se para além dos aspectos estéticos, é possível aferir novos valores e outras interpretações e é quando inicia-se a produção seguindo esses princípios.

Na modernidade, década de 20, dar-se importância para a ideia de espaço, que paira por conceitos mais ideais, teóricos, filosóficos e que se baseia em uma forma, além disso, se relaciona a algo mais matemático e geométrico, ou seja, o espaço é a ideia do interior fechado. E como o modelo do templo grego é o ponto de referência dessas ideias racionalistas, a adoção e interpretação de outros aspectos apresenta conceitos metafísicos, o qual evidencia a faculdade de relacionar o homem com a natureza.

A adoção de princípios de fluidez, leveza e continuidade, podem ser observados nas obras classicistas, não se encaixam na visão de espaço, interpretado pela primeira geração moderna, e sim na percepção de lugar. Assim, é possível perceber que é a partir dos preceitos introdutórios das obras modernistas, de ideário grego, que são retomadas essas noções de lugar como afirma Montaner (2012), empírico, existencial, articulado e definido até os detalhes.

O Regionalismo Crítico foi o pensamento crítico abordado por Frampton, trazendo questões acerca da cultura, contextos sociais, comunidades locais e a integração com o meio natural do lugar. Mas um de seus questionamentos pairavam sobre estar inserido no modernismo e ainda sim permanecer as origens, uma vez que defendia a ideia de reinvenção, reinterpretação, restauração e restabelecimento. O que Frampton defendia parte de questões relacionadas ao patrimônio de comunidades, a perpetuação e troca entre o moderno e o conhecimento popular.

Assim, a análise ensaística exposta como objeto de estudo deste artigo, traz a arquitetura do lugar como, frequentemente suscetível à novas configurações e até mesmo mutações ao longo do tempo. Em que, nesta discussão proposta, aparecem em três processos teóricos diferentes, com adoção de outros sentidos ou a adição de novos preceitos e paradigmas, que podem ser assistidos de forma clara em qualquer momento da história da arquitetura, em se tratando das relações entre homem e lugar.

O princípio da Arquitetura do lugar

Desse modo, é possível observar e conduzir a teoria em torno às obras expoentes observadas na Amazônia, e que marcam essa identificação de conceitos surgidos com o Movimento Moderno, que em um primeiro momento, apresenta uma produção intimamente relacionada as aspirações da cultura local, tendo-se como ponto de referência as construções indígenas, os materiais e as técnicas construtivas enquanto elemento de concepção estética.

É possível aferir, que de início, a chamada arquitetura do lugar apresentou uma interface mais romantizada do que vinha a ser a adaptação com o local de implantação, que fora utilizada de forma a poetizar a paisagem e as construções vernáculas. Logo, a valorização da arquitetura popular da Amazônia, é levada à repertório de arquitetura à diversos arquitetos e reconhecimento nacional.

A exemplo disso, tem-se as casas projetadas por Lúcio Costa, em Barreirinhas no Amazonas, para o poeta Thiago de Mello, o qual produziu uma arquitetura significativamente regional, sem mesmo ter ido ao local de implantação, afirma MURTA (2017). Os projetos são desenvolvidos na década de 70 e 80, com materiais regionais com madeira e sapê, de forma aprazível a paisagem externa, um lugar que envolvesse a memória afetiva do poeta com a sua terra natal.

A casa próxima ao rio Paraná de Ramos (Figura 01), foi construída com mão de obra local, utilizando como materiais a madeira, tijolo cerâmico, telha barro, além do uso do vidro, dispõe de amplas aberturas para a entrada de ventilação, além da faixa de vidro acima das portas, possibilitando a entrada de luz natural. As madeiras foram extraídas da região e dispõe de estudos de conforto ambiental, além de sua volumetria regular, o que lhe confere os traços da arquitetura moderna.

Figura 01 – Casa de Lúcio Costa para Thiago de Mello



Fonte: <https://www.acritica.com/blogs/bem-viver-blog/posts/thiago-de-mello-pede-o-tombamento-de-casas-projetadas-por-lucio-costa-em-barreirinha>, acesso em 09/02/2018.

Essa obra de Lúcio Costa na Amazônia, expressa de forma preliminar esses novos conceitos apreendidos, como um início da realidade teórica que fora abordada por Montaner como “valores psicológicos de percepção do entorno”, em que a valorização afetiva com o lugar se torna repertório de projeto. Uma vez que o arquiteto não tinha total conhecimento do sítio, foram apreendidas as visões do poeta para a elaboração do projeto, em que MURTA (2017. P. 10) afirma “Há uma relativa noção de pertencimento, identificação, senso de lugar e orientação”.

Além disso, a estrita apreensão das obras arquitetônicas dessa vertente com o conforto do ambiente concebido, e com a adaptação das obras ao clima tropical, foi um fator de importância nesse projeto de Lúcio Costa, o que também orientou às apreensões estéticas. Sendo o partido dos projetos, o entendimento do sítio físico e cultural:

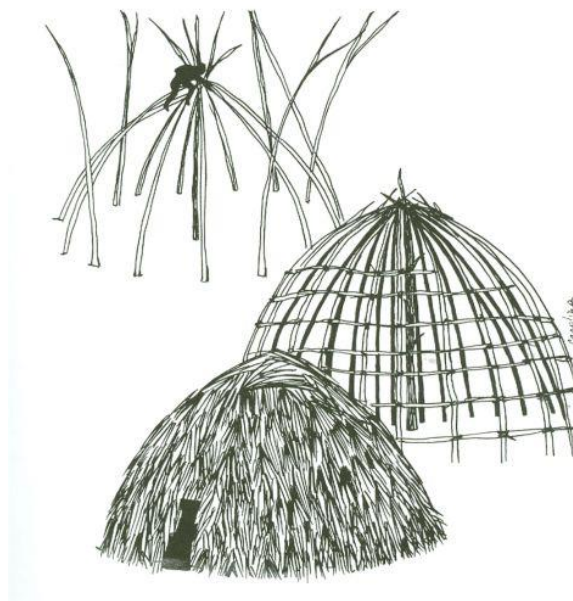
(...) Lugar está relacionado com o processo fenomenológico da percepção e da experiência do mundo por parte do corpo humano. Mas a ideia de lugar se materializa através da paisagem e a qualidade do espaço que seriam a forma, textura, cor, luz natural, objetos e valores simbólicos. (MONTANER, 2012. P.33)

Dessa forma, estabelece-se uma arquitetura Moderna, que apresenta preceitos diversos, de maneira a qualifica-la a qualquer lugar, deixando de ser autônoma e estrita, para afirma-se enquanto identidade local e sintetizando características que até então eram opostas. Assim,

juntando ao saber técnico, as erudições populares, que é o pressuposto por Lengen (2013) como forma de adaptação ecológica afim de saber utilizar os recursos e apreender com as comunidades tradicionais a forma como tratar ou viver no lugar.

O mesmo autor faz uma larga abordagem sobre a arquitetura dos índios da Amazônia, o qual expõe todos os aspectos construtivos de diversas tipologias de construções indígenas, além dos usos de diversas formas construtivos, dos materiais disponíveis em diferentes lugares. E, como fora falado acima, os traços das construções indígenas (Figura 02) se fazem presentes em obras da época, um exemplo é a Residência do Arquiteto Milton Monte, de 1966.

Figura 02 – Maloca indígena



Fonte: <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/i51-hindg.html>, acesso em 09/02/2018

Milton Monte foi um expoente da época para a Arquitetura da Amazônia, mais especificamente do Pará, em que atuou a partir da década de 60, e produzia arquitetura determinada pelo contexto local, com predicações ao conforto ambiental. Dentre seu acervo de obras regionais, aqui se destaca a sua casa (Figura 03), em que, de forma funcional e racional, utiliza-se de valores simbólicos regionais, como a solução da cobertura em beiral quebrado em todo o perímetro, que nada mais é do que uma proteção à insolação e às fortes chuvas apresentadas pelo bioclima local, como afirma SAQUIS (2011).

Figura 03 - Residência do Arquiteto Milton Monte



Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.114/14>, acesso em 09/02/2018

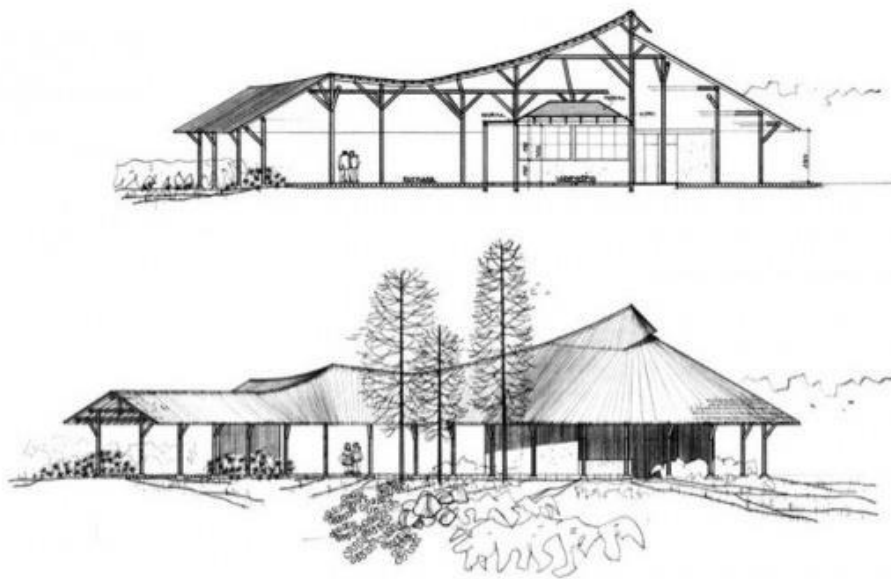
A abstração na Arquitetura do lugar

A mudança de paradigma ditada pela pós-modernidade, para o fim com a arquitetura moderna, aponta como um dos aspectos, o uso da abstração e organicidade nas obras, trazidos por Frank Lloyd Wright, em que, para além do aspecto formal, presava-se também pelos conceitos de arquitetura do lugar. Suas formas, chamadas por Montaner como trama geométrica estava baseada na paisagem norte-americana, em que havia a “Busca de uma relação arquetípica entre formas do espaço privado e do espaço público por meio da relação com o lugar, toma referencias da arquitetura primitiva”. (MONTANER, 2012. P. 35)

Além disso, as questões ecológicas, que já estavam presentes na arquitetura, devido à crise principalmente do petróleo, se firmam na década de 70 de forma a torna-la cada vez mais eficientes energeticamente, e conciliar máquina (edifício) e a natureza, para fazer com que se tornem cada vez mais funcionais. De acordo com Montaner, soluções construtivas de tipologias são estudadas, de forma que se apresentam como melhores dispositivos, e que não deixam de estar relacionadas a culturas tradicionais. O autor dá ênfase aos pátios, que são boas soluções de ventilação natural.

Severiano Porto, um arquiteto expoente na questão da arquitetura regional, apresenta diversas obras no Amazonas, as quais manifestam de forma clara a preocupação do arquiteto com as questões ecológicas, em que, segundo Neves (2012), priorizava a cautela com as intervenções que fazia no ambiente, assim como as dificuldades e peculiaridades com os recursos materiais e mão de obra. Assim, o Centro de Proteção Ambiental de Balbina (Figura 04), de 1988, representa de forma clara a ruptura com os preceitos modernos, ao não mais utilizar a arquitetura enquanto uma forma geométrica ou mesmo a proporção áurea.

Figura 04 – Obra expoente de Severiano Porto



Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.198/6303>, acesso em 09/02/2018.

A solução de partido arquitetônico é a cobertura, que dá relevância e existência à edificação, a qual apresenta em sua configuração a pura abstração de forma singela com o meio, e ainda apresentando os aspectos bioclimáticos como respostas funcionais. Além disso, o uso dos materiais regionais, que além de considerar as questões ambientais e ecológicas, apresenta uma intenção plástica, exprime a estética regional (Figura 05).

A época em que Severiano Porto revela-se como arquiteto da Amazônia, é um período de verdadeiras mudanças no panorama da arquitetura, pois é quando considera-se o início da pós-modernidade, em que dar-se-á relevância à solução de diversos outros problemas através da arquitetura. Devido às crises e movimentações a respeito de sustentabilidade, o

uso de materiais alternativos tornou-se referência para a arquitetura da época, principalmente para a região Amazônica, onde já estava consolidada a arquitetura do lugar e seus aspectos, assim os valores se modificam e passam a não mais representar apenas a arquitetura do lugar, e sim um modo de atender às demandas.

Figura 05 – Materiais regionais empregados na obra de Severiano Porto



Fonte: <http://www.cauam.org.br/?p=10069>, acesso em 09/02/2018.

A contemporaneidade e a Arquitetura do lugar

O cenário do lugar na era contemporânea, se transforma e traz novas interpretações, de forma que os lugares passam a exercer, na percepção humana, diferentes atribuições do que se tinha no Modernismo. O pluralismo advindo das vanguardas e do pós-modernismo, atualmente assume, para entendimento, uma dinâmica efêmera, segundo Montaner (2012, p. 45), em que os lugares “São espaços relacionados sempre com o transporte rápido, o consumo e o lazer que se contrapõem ao conceito de lugar das culturas baseadas em uma tradição etnológica localizada no tempo e no espaço(...)”

Dessa forma, surgem os não-lugares, nos quais não há mais a relação entre o maio e o que está sendo concebido arquitetonicamente, os encadeamentos estão homogêneos. Uma forma de interpretar isso, são os usos dos recursos de forma igual, onde em qualquer lugar se faz a arquitetura que antes, era genuína da Amazônia, o mundo globalizado troca informações em um curto espaço-tempo.

As contribuições à essa unidade é o potencial em conseguir atender aos processos de urgência por elucidações sustentáveis e com isso, a promoção da arquitetura ecológica, que até então não era evidenciada como ponto central da produção arquitetônica. Para tanto, a reinvenção de técnicas e restauração no uso diverso de materiais construtivos convencionais ou tradicionais para as culturas populares, é uma eficiente tendência da arquitetura contemporânea, que são levadas a técnica ou à indústria e transformam-se, o que representa o domínio, valorização e disputa cada vez mais pela matéria-prima.

Como objeto de estudo central das questões levantadas, acerca da arquitetura contemporânea do presente trabalho, aborda-se a obra “Moradias dos alunos da fundação Bradesco” (Figura 06), em Tocantins, que apresenta novas tecnologias de materiais e o reuso de técnicas já existentes no local, além disso o modo como a dupla de arquitetos Marcelo Rosembaum e Aleph Zero explana questões territoriais e sociais que envolviam o estudo tipológico do partido arquitetônico do projeto, expressam valores sociais e uso eficiente do território.

O projeto é de 2016, voltado a atender a tipologia de um internato, os projetistas tiveram uma experiência na fazenda de implantação do projeto, para compreender a dinâmica do local e acessar aos alunos sobre suas vontades e o que para eles seria a morada ideal. E a partir de então o partido arquitetônico se processa de forma a deixar espaço para que a natureza faça parte da edificação, além disso, há a presença de elementos da cultura nos dormitórios, inspirados na pintura corporal indígena.

A arquitetura, então, assumiu a configuração de um extenso pavilhão aberto, constituído pela cobertura de uma água (...) pela densa malha dos pilares e pela presença de jardins quadrados, com 25 metros de lado, circundados por blocos independentes (...) GRUNOW (2016)

Figura 06 – Arquitetura contemporânea na Amazônia



Fonte: <https://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/rosenbaum-e-aleph-zero-moradias-estudantis-formoso-do-araguaia-to>, acesso em 09/02/2018.

Os materiais empregados na obra (Figura 07), expressam a aproximação da arquitetura contemporânea aos preceitos Amazônicos, pois a utilização da madeira laminada colada e as alvenarias de adobe são a renovação das técnicas para a o uso da matéria-prima existente. As tecnologias pré-fabricadas se tornam a forma mais viável e sustentável de se construir atualmente, no entanto, para esta obra, na Amazônia, onde ainda não há fabricação desse produto e nem tão pouco a mão de ora especializada, segundo Grunow, a madeira laminada colada, utilizada desde a estrutura, fora trazida da fábrica da Ita Construtora, em São Paulo.

A obra aproxima-se da arquitetura do lugar de outrora, tendo em vista a importância do sítio e da cultura local para a concepção do conceito e partido arquitetônico, com a integração entre o meio externo e interno, além de utilizar-se do recurso estético da madeira, que mesmo não sendo a matéria bruta, exprime as intenções plásticas compatíveis ao contexto local. Além disso, o objeto arquitetônico apresenta um papel social e importância simbólica para a comunidade em que está inserido, além da atribuição à arquitetura contemporânea na Amazônia.

A arquitetura brasileira contemporânea é um magnífico exemplo da capacidade de criar soluções que são sínteses da arquitetura tradicional e da

moderna e prestam-se à melhor adaptação ao meio, como as estruturas em pórticos e as plantas baixas marcadas por espaços livres e pilares. MONTANER (2012, P. 161).

Figura 07 – Materiais construtivos empregados.



Fonte: Fonte: <https://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/rosenbaum-e-aleph-zero-moradias-estudantis-formoso-do-araguaia-to>, acesso em 09/02/2018.

Materiais construtivos do Moderno ao Contemporâneo

Em ambiente de crise surge a renovação de paradigmas, dada a necessidade de reinventar os modelos, e partir disso a cientificidade se desenvolve com o intuito de assegurar a integridade socioespacial. O período entre guerras contribuiu para mudanças fundamentais no quadro da arquitetura, principalmente quanto a tecnologia de materiais, pois a estética é substituída pelo racional e funcional, incorporando aparatos tecnológicos para a construção de edificações mais resistentes.

O período industrial foi marcante por ter proporcionado o domínio de diversos materiais, tais como aço, vidro e concreto. Desde então, o uso dos materiais ganhou significativa relevância funcional e, posteriormente, estética, quando a arquitetura ganha novas tendências por poder se apropriar cada vez mais do uso da matéria-prima.

Os valores de sustentabilidade abordados na arquitetura, interpelam acerca da utilização de materiais genuínos, mas com as transformações proporcionadas pelas novas tecnologias. O uso da madeira, adobe, bambu entre outros tem se feito presente em obras de arquitetos imponentes da arquitetura contemporânea, a chamada arquitetura *high tech* traz essa renovação tecnológica das formas de utilização dos materiais, pela busca de uma qualidade plástica atemporal.

Considerações Finais

O percurso feito pela pesquisa apresentou de forma linear o quanto a arquitetura moderna se fez presente e ainda faz no modo de projetar, tendo em vista os preceitos iniciais do movimento, que mesmo adotados de forma metódica e universal, apresentou a principal referência no que tange o modo ou o processo. Assim, a partir da liberdade de criação empregada pelo modernismo, foi possível atingir às variáveis infinitas com as quais é possível idealizar, inventar e transformar o lugar ou o espaço.

E no Brasil, o Movimento Moderno chega com diversas correntes e vertentes, que se estabelecem e criam opções de repertório para que hoje seja possível chegar à um senso comum de particularidades e peculiaridades de cada lugar que se concebe um objeto arquitetônico. A Amazônia apresenta uma identidade intrínseca, que logo fez parte da produção arquitetônica, por seus predicados de lugar e contextos ambientais vastos.

Para a contemporaneidade, a reinvenção de técnicas e materiais construtivos, a Amazônia ainda não dispõe de recursos de execução e domínio da matéria, tendo em vista a riqueza do substrato maciço presente. Tendo em vista, as tendências plásticas com as quais estão sendo concebidas a arquitetura contemporânea.

Referências bibliográficas

GRUNOW, Evellse. **Rosenbaum e Aleph Zero: Moradias estudantis, Formoso do Araguaia, TO. Projeto Design**. Edição 437. 2016.

HENRIQUES, Gonçalo. **Severiano Porto – Sintaxe e processo, que futuro (s)?** Revista Vitruvius. Arqtextos. 2016.

LEGEN. Johan. **Arquitetura dos índios na Amazônia. B4 Editores.** São Paulo. 2013.

MONTANER, Josep. **A MODERNIDADE SUPERADA – Ensaio sobre arquitetura contemporânea.** Editora G. Gili. 2ª ed. 2012.

MONTANER, Josep. **A condição contemporânea da Arquitetura.** Editorial Gustavo Gili. São Paulo. 2016.

MURTA, Januaceli. **Lúcio Costa: 3 projetos para Thiago de Mello.** 1º Simpósio Científico ICOMOS Brasil Belo Horizonte. 2017.

NEVES, Leticia. **A OBRA DE SEVERIANO PORTO NA AMAZÔNIA: UMA PRODUÇÃO REGIONAL E UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A ARQUITETURA NACIONAL.** Mestrado EESC – USP. 2006.

SANTOS, Maria das Graças. **Resenha Kenneth Frampton: A construção de um pensamento entre a história crítica e a poética da construção.** Doutorado FAUUSP – Fapesp.

SARQUIS, Giovanni. **Arquitetura moderna e contemporânea em Belém: diálogo entre tempos.** 9º seminário docomomo brasil interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente Brasília. junho de 2011.